

**Artigos – Revisões Didáticas****Hospitalidade: conceitos fundamentais e relevância para os estudos do turismo****Hospitality: fundamental concepts and relevance to tourism studies****Hospitalidad: conceptos fundamentales y relevancia para los estudios de turismo****Rafael Cunha Ferro<sup>1,2</sup>, Sênia Regina Bastos<sup>2</sup>**<sup>1</sup>Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFFRJ), Seropédica, RJ, Brasil.<sup>2</sup>Universidade Anhembi Morumbi (UAM), São Paulo, SP, Brasil.**Palavras-chave:**

Hospitalidade no turismo;  
Componentes da hospitalidade;  
Manifestações da hospitalidade;  
Acolhimento;  
Cultura.

**Keywords:**

Hospitality in tourism;  
Components of hospitality;  
Manifestations of hospitality;  
Accueil;  
Culture.

**Palabras clave:**

Hospitalidad en el turismo;  
Componentes de la hospitalidad;  
Manifestaciones de la hospitalidad;  
Acogida;  
Cultura.

**Resumo**

Este texto tem como objetivo demonstrar as diferentes perspectivas teóricas existentes sobre a hospitalidade e as possíveis contribuições desse campo de saberes para a compreensão das sociedades. Para tanto, percorremos o entendimento da hospitalidade a partir de algumas fundamentações conceituais e filosóficas e como elas nos ajudam a pensar sobre as sociedades. No contexto do turismo, a hospitalidade possibilita a corresponsabilização dos turistas nas múltiplas experiências, retirando-os da passividade em que se encontram na maioria das vezes. Além disso, compreendemos que ela fomenta o exercício de reconhecimento da complexidade dos indivíduos e o acolhimento das alteridades. Dessa forma, a hospitalidade na contemporaneidade se torna um conjunto de ferramentas teórico-práticas que extrapolam as relações sociais, influenciando contextos maiores onde se localizam as diversas problemáticas relacionadas ao turismo e à mobilidade, como a (i)migração, a xenofobia e a turismofobia, e outras tantas problemáticas transversais nas sociedades.

**Abstract**

This article aims to demonstrate the range of theoretical perspectives on hospitality and the possible contributions of this field of knowledge to a deeper understanding of societies. For this purpose, we explore the understanding of hospitality based on some conceptual and philosophical foundations and how they help us to think about societies. In the context of tourism, hospitality enables tourists to take co-responsibility for multiple experiences, removing them from the passivity in which they often find themselves. In addition, we understand that hospitality stimulates the exercise of recognizing the complexity of individuals and welcoming otherness. In this way, hospitality in the contemporary society becomes a set of theoretical and practical tools that go beyond social relations, influencing larger contexts where the various issues related to tourism and mobility are located, such as (i)migration, xenophobia and tourismphobia, and many other cross-cutting issues in societies.

**Resumen**

Este artículo pretende mostrar el amplio espectro de perspectivas teóricas sobre la hospitalidad y las posibles contribuciones de este campo del conocimiento a una comprensión más profunda de las sociedades. Con este fin, exploramos la comprensión de la hospitalidad a partir de algunos fundamentos conceptuales y filosóficos y cómo nos ayudan a pensar las sociedades. En el contexto del turismo, la hospitalidad permite a los turistas corresponsabilizarse de múltiples experiencias, sacándolos de la pasividad en la que a menudo se encuentran. Además, entendemos que la hospitalidad

Revisado em pares.  
Recebido em: 17/04/2024.  
Aprovado em: 22/07/2024.  
Editores:  
Carlos Eduardo Silveira;  
Miriam Rejowski;  
Rafaela Camara Malerba.



estimula el ejercicio de reconocer la complejidad de los individuos y acoger la alteridad. De este modo, la hospitalidad en la contemporaneidad se convierte en un conjunto de herramientas teóricas y prácticas que van más allá de las relaciones sociales, influyendo en contextos m s amplios donde se sitúan las diversas cuestiones relacionadas con el turismo y la movilidad, como la (i)migración, la xenofobia y la turismofobia, y muchas otras cuestiones transversales en las sociedades.

**Como Citar:** Ferro, R. C., & Bastos, S. R. (2024). Hospitalidade: conceitos fundamentais e relev ncia para os estudos do turismo. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, São Paulo*, 18, e-2958, 2024. <https://doi.org/10.7784/rbtur.v18.2958>

## 1 INTRODU O

Você já refletiu sobre as mudanças nos seus comportamentos quando se encontra em ambientes onde não   proprietário? Imagine que você foi convidado para um evento social ou para um jantar na casa de um colega. Esses contextos provavelmente exigem que você se comporte de determinadas maneiras que são poucos usuais daquelas esperadas em sua casa, por exemplo. Isso se deve a um fenômeno humano constituído ao longo do tempo que permite que pessoas transitem em espaços públicos e privados sem serem hostilizadas, desde que mobilizem um conjunto de saberes e comportamentos  ticos, morais e culturais que respeite as normas e regras definidas para esses espaços. Denominamos esse fenômeno como hospitalidade.

Para tanto, para iniciarmos o entendimento desse fenômeno, primeiro precisamos realizar um exercício que Camargo (2002) propôs há alguns anos de nos afastarmos da concep o do senso comum sobre o termo que o associa diretamente aos meios de hospedagem e ao bem-receber em um sentido literal da palavra. Aqui não estamos negando a rela o direta da hospitalidade com essas concep es, mas tentaremos expandir a ideia a fim de permitir que novos insights sobre o fenômeno prosperem e nos auxiliem a compreender cada vez mais os porquês de determinados comportamentos e atitudes comuns em diversos contextos em que a hospitalidade e/ou a hostilidade se encontram.

Assim, buscamos apresentar a polissemia da hospitalidade, ou seja, entendê-la como um campo de saberes que abarca inúmeras perspectivas teórico-prácticas sobre as atitudes e os comportamentos relativos às rela es interpessoais representadas por dois atores centrais: o hóspede e o anfitrião. Esses atores podem ser representados na figura de um indivíduo ou uma coletividade (grupo étnico, comunidade, país etc.). Enquanto o anfitrião   entendido como o local, aquele que det m poder sobre o espaço, que recebe e acolhe, o hóspede   representado por aquele que chega, que não   do lugar, o outro, o estranho, em suma, o estrangeiro.

Entretanto, o que nos importa   entender que a rela o entre esses dois atores tende a ser, como Camargo (2015) nos incita a refletir, quase sempre inospitaleira, quando não hostil. Isso porque são atores diferentes entre si, ou seja, com backgrounds socioculturais e psicológicos muitas vezes distintos um do outro.   justamente na heterogeneidade dos indivíduos, ou, em outras palavras, na valoriza o das alteridades, que reside a possibilidade de ocorrência da hospitalidade.

Em suma, a hospitalidade   um fenômeno que suspende transitoriamente a sua antítese, a hostilidade, entre um hóspede e um anfitrião. Esses dois atores se veem em uma cena em que o anfitrião admite temporariamente o estranho ao seu território e ao seu núcleo social ou familiar, tornando-o seu hóspede. Dessa forma, a hospitalidade   um gesto de autoriza o por parte do anfitrião para o estranho transgredir os limites territoriais sem recorrer   violência (Grassi, 2011b) e sem a inten o de assimilá-lo completamente   sua comunidade. Para além dessa condi o de controle social, a hospitalidade também   reconhecida como uma virtude humana que permite uma sociabilidade pacífica entre as pessoas, gerando intera es menos inospitaleiras e hostis, mesmo em contextos de insegurança pública observado em diversas localidades do mundo. Ademais, esse processo de abertura ou não para com o estranho permite que a sociedade anfitriã consubstancie intercâmbios culturais, bem como construa uma identidade cultural pautada na diferença da estrangeiridade.

Para entender essa concep o de Camargo (2015) sobre a hospitalidade se encontrar nos interstícios da inospitalidade e da hostilidade cotidiana, precisamos compreender o complexo cenário social em que vivemos. Não há como negar que a globaliza o e a tecnologia trouxeram consigo inúmeros benefícios em diversas dimensões das nossas vidas. Entre as mudanças observadas estão a maior mobilidade e conectividade de pessoas ao redor do mundo, a facilidade de intercâmbio cultural e de negocia es diplomáticas e comerciais, o aumento da produtividade e a eficiência, o acesso rápido   informa o entre tantas outras. Todavia, essas novas condi es

contemporâneas também fizeram emergir sérios problemas sociais como consequência, onde podemos citar a homogeneização cultural a partir do alto intervencionismo de sociedades que concentram grandes capitais econômicos, os deslocamentos (forçados ou voluntários) (i)migratórios em busca de novas oportunidades de vida, o overturismo gerado a partir de atividades turísticas massificadas, a dependência tecnológica, os novos dilemas éticos e ambientais, a desumanização das relações interpessoais ou o comprometimento da qualidade das relações sociais impactadas pelos novos modelos pautados na intermediação a partir das Tecnologias de Comunicação e Informação (TICs) etc.

Neste cenário paradoxal e complexo em que vivemos atualmente, a hospitalidade surge como uma possível via para compreender os conflitos existentes e propor uma conciliação sustentável entre os múltiplos interesses e atores envolvidos pela sua capacidade de suspensão transitória de hostilidades e de criação e manutenção de laços sociais para quaisquer finalidades. Por essa razão, este texto foi elaborado com o objetivo central de demonstrar as diferentes perspectivas teóricas existentes sobre a hospitalidade e as possíveis contribuições desse campo de saberes para a compreensão das sociedades, das relações interpessoais e dos problemas sociais, sejam eles apresentados em um contexto turístico ou não.

Para tanto, vamos iniciar o entendimento da hospitalidade a partir de algumas fundamentações conceituais. Na sequência, abordaremos de forma sucinta as concepções filosóficas sobre a hospitalidade e como elas modelam e problematizam o pensamento central sobre esse fenômeno, especialmente nas sociedades ocidentais. Por fim, percorreremos as contribuições da hospitalidade para a sociedade, em especial para os estudos turísticos.

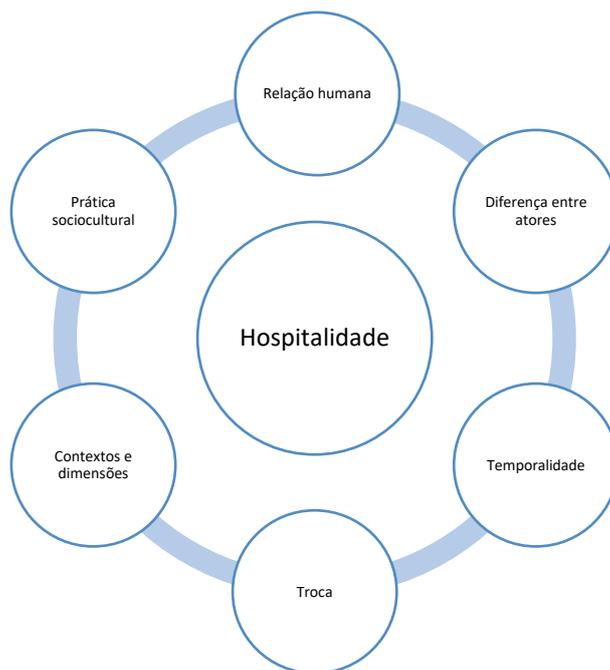
## 2 CONCEITOS FUNDAMENTAIS

Com base nos estudos etimológicos apresentados por Benveniste (1975) e Grassi (2011b), sabemos que o termo hospitalidade deriva do latim *hospitalitas*, que remonta a *hospes*, significando “aquele que recebe o outro”, e este, por sua vez, originado de *hosti-pet-s*, onde a raiz etimológica “pet-” sugere uma conexão com poder ou domínio sobre um território. A noção de *hospes*, dessa forma, contempla a ideia de “senhor do hóspede” e revela a complexidade das relações de poder entre o anfitrião e o visitante, onde ambos, por meio do termo *hostire*, são tratados com equidade, podendo cada um, na dinâmica da hospitalidade, alternar os papéis de refém e de detentor do poder. Essa dualidade se reflete mais tarde na palavra francesa *hôte*, que designa tanto o anfitrião quanto o convidado, enfatizando a reciprocidade, a ambiguidade e as alternâncias nessas relações hospitaleiras. Em sua forma moderna, a transformação do termo “hôte” em *hostil*, nas línguas francesa e portuguesa, por exemplo, sublinha ainda a tensão inerente entre acolher o outro e confrontá-lo, destacando a hospitalidade como um campo de negociação contínua de status e poder entre estranhos que buscam estabelecer um terreno comum.

Também se apresenta como um desafio a conceituação da hospitalidade, visto que a sua fundamentação advém de campos de saberes e locais distintos. Apesar disso, temos algumas linhas de pensamento mais ou menos definidas (Sogayar & Rejowski, 2011). Por outro lado, essa polifonia sobre ela permite com que cada projeto (de pesquisa, ensino ou extensão) alicerce a sua fundamentação teórica conforme os seus próprios objetivos e objetos, tornando a hospitalidade um conhecimento contextualizado e dotado de plasticidade.

Entretanto, é possível determinar alguns pontos comuns entre as diversas linhas de pensamento sobre a hospitalidade que balizam a sua configuração. Para tanto, sintetizamos didaticamente seis pontos comuns nessas abordagens: 1. Relação humana; 2. Diferença entre atores; 3. Temporalidade; 4. Troca; 5. Contextos e dimensões e, por fim; 6. Prática sociocultural.

**Figura 1** – Pontos comuns nas linhas de pensamento sobre hospitalidade



*1. É uma relação humana dada entre dois atores: o anfitrião e o hóspede*

A hospitalidade não se estabelece sem que haja uma relação interpessoal. Nem todas as relações sociais estabelecidas por nós são essencialmente hospitaleiras, apesar da grande probabilidade de serem. Para tal, é necessário que exista a personificação de dois atores sociais desempenhando papéis já citados anteriormente: um de anfitrião e outro de hóspede.

Primeiramente, faz-se necessário frisar que esses atores podem ser representados na figura de um indivíduo ou uma coletividade (grupo étnico, comunidade, país etc.), a depender do tipo de análise que se pretende. Inclusive, não obrigatoriamente lidaremos com figuras situadas em um mesmo nível. Podemos estudar, por exemplo, a percepção de um indivíduo sobre o processo de concessão de visto realizado na fronteira do país-destino; ou analisar as relações diplomáticas existentes entre dois países; ou investigar se uma determinada comunidade está mais ou menos propensa a receber visitantes e/ou migrantes.

Segundo Pitt-Rivers (2012), esses dois atores possuem uma única lei ambivalente que gerencia a relação: honrar-se mutuamente. Apesar disso, o autor reconhece que o anfitrião controla a relação, restando ao hóspede um papel mais passivo e responsivo diante das honras prestadas pelo anfitrião.

Porém, como identificar quando estamos desempenhando tais papéis? A resposta situa-se na linha tênue entre a convivialidade e a hospitalidade.

A convivialidade se manifesta entre indivíduos que compartilham proximidade tanto física quanto subjetiva, frequentemente centrada no núcleo familiar. Ela encarna o princípio de viver juntos, proporcionada pela coesão dos integrantes de um grupo, fundada no princípio da igualdade e interdependência entre eles. A convivialidade visa principalmente o reforço de conexões dentro de uma comunidade estabelecida, cultiva um senso de pertencimento e uma identidade comum, fortalecendo, assim, os laços interpessoais e a unidade do grupo (Faltin & Gimenes-Minasse, 2019).

Por sua vez, a hospitalidade depende do reconhecimento da diferença entre as pessoas, ou seja, ambos os atores devem ser, necessariamente, diferentes no caráter subjetivo. Soma-se a isso o fato de cada indivíduo possuir e exercer o poder sobre o seu espaço, seja esse físico ou psíquico. É só a partir do reconhecimento da diferença e/ou do poder sobre o espaço que a hospitalidade pode emergir como um fenômeno de inauguração ou de fortalecimento de vínculos sociais entre os indivíduos.

## 2. *É pautada nas diferenças entre esses atores*

Na prática, a diferença entre esses atores se pauta essencialmente no poder que o anfitrião possui sobre o seu território, físico ou psíquico. Da mesma forma, um hóspede não pode ser hóspede no território onde ele possui direitos e responsabilidades (Pitt-Rivers, 2012). Porém, em um sentido filosófico, a mudança mútua de status, consequente da emergência do fenômeno da alteridade e, por conseguinte, da hospitalidade, é o que demarca as posições e as distinções entre eles. Se em um sentido prático e histórico a hospitalidade é alicerçada na detenção de poder, aonde a pessoa que chega (o estranho, o estrangeiro, o forasteiro) deve respeitar a soberania de seu anfitrião em seu território (Pitt-Rivers, 2012); em um sentido metafísico, basta a epifania do rosto do outro (Levinas, 1980) para que haja uma propensão de um deslocamento ético de acolhê-lo.

Em ambos os casos é necessário que compreendamos o conceito de estranho. Essa noção de estranho, do estrangeiro, do forasteiro, daquele que vem de fora, sempre esteve imbricada na tessitura social e psicológica das sociedades. Historicamente, essa figura é aquela que evoca a incerteza, representada pela pessoa desconhecida cujas intenções e natureza permanecem um mistério e, portanto, precisa ser controlado (Grassi, 2011a). Não saber se o estranho é um amigo potencial ou um inimigo iminente gera uma ambivalência que é fundamental para o surgimento da hospitalidade. Essa figura do estranho também é caracterizada por aquelas pessoas que não pertencem ao lugar em questão, seja por não ser um cidadão daquela comunidade ou por não deter poder sobre o espaço em que se encontra, mas que pode vir a ser um usurpador do poder de quem o detém.

Dessa forma, o outro estranho carrega consigo os elementos de perigo e inquietação, pois implica em um deslocamento, muitas vezes forçoso, de ambas as partes (daquele que está – o local, o sedentário – e o estranho) na tentativa de compreender-se mutuamente. O estranho, portanto, se torna um catalisador para o exercício do que chamamos de alteridade (Levinas, 1980). Ao nos confrontarmos com alguém que difere de nós em aspectos culturais, sociais e/ou pessoais, somos forçados a reconhecer e respeitar essas diferenças, estabelecendo limites para que nenhuma das partes se sinta ameaçada. Isso é, contudo, um desafio constante, pois esse exercício de assimilar o outro em sua completude e singularidade requer uma disposição para além de um esforço superficial.

Nesse contexto, a hospitalidade emerge como um princípio moral historicamente fundamentado (O’Gorman, 2007) e ético, sendo este último entrelaçado com a alteridade (Derrida, 2003; Lévinas, 2004). Pois, apesar dos riscos e incertezas que a figura do estranho pode representar, escolhemos, por vários motivos (dos mais altruísticos aos mais ocultos) (Lashley, 2015), acolher o estranho. É esse deslocamento, esse gesto, que permite com que a hospitalidade se manifeste enquanto fenômeno humano, atribuindo os papéis de anfitrião para aquele que recebe e o de hóspede para o estranho agora devidamente reconhecido. É um ato de reconhecimento mútuo de humanidade.

## 3. *É marcada pela temporalidade*

Considerando que a hospitalidade é baseada nas diferenças entre os atores, é relevante ressaltar nesse sentido que o hóspede não poderá ser assimilado totalmente ao núcleo receptor (através de um casamento, por exemplo) ou se instalar fisicamente no território sob risco de encerramento da hospitalidade, uma vez que o indivíduo se tornará um igual de forma permanente. Assimilar-se à uma comunidade é, nas palavras de Pitt-Rivers (2012), Grassi (2011b) e Gotman (2001), perder o status de hóspede uma vez que o iguala politicamente ao seu anfitrião. Podemos, assim, falar de uma temporalidade da hospitalidade.

Nos casos comerciais em que a hospitalidade está presente, ela tende a findar-se após o tempo da prestação de serviços previsto em contrato. Em outros contextos, particularmente no ambiente doméstico, dada a propensão do anfitrião para atender às necessidades e desejos de seu hóspede, a solicitação de hospitalidade prolongada por parte deste último pode levar a uma dinâmica parasitária (Camargo, 2015; Pitt-Rivers, 2012). Isso ocorre mesmo quando o hóspede frequentemente assegura ao anfitrião para não se incomodar com a sua presença, pois a sua estadia ainda demanda investimento em uma vasta gama de recursos, incluindo tempo, atitudes, gestos, alimentos e espaço, sendo esses apenas alguns exemplos.

É interessante também ressaltar que os papéis de anfitrião e hóspede costumam se alternar, seja de forma imediata ou posterior, entre os indivíduos. Assim sendo, todos nós já estivemos inúmeras vezes nos papéis de anfitrião e de hóspede. Essa condição de alternância é proveniente da troca característica nas relações hospitalares, que não seguem estritamente ou se restringem a um contrato comercial de prestação de serviços.

#### 4. *É caracterizada pela troca*

Como dito anteriormente, é sabido que o fenômeno da hospitalidade, independentemente de onde transcorre, envolve o investimento de recursos de naturezas diversas (material e imaterial) por parte do anfitrião, e até em alguns casos do hóspede; e também reconhecendo a relevância da prestação de serviços profissionais de hospitalidade (hospedagens, restaurantes, eventos etc.), podemos dizer que há duas vias possíveis para compreender as dinâmicas desses recursos em uma relação hospitaleira, sendo elas não mutuamente excludentes, como apontam Camargo (2015) e Telfer (2004): a dádiva e a monetária.

A dádiva, para além da via monetária comumente utilizada na prestação de serviços, centra-se no princípio moral da dívida do hóspede para com o seu anfitrião. Essa dívida de hospitalidade incita a compensação. A tentativa de quitação da dívida e da consequente igualização dos atores é uma busca constante na relação hospitaleira, inclusive está imbuída na própria raiz etimológica da palavra, como vimos anteriormente. Porém, é válido destacar que a tentativa de compensação não necessariamente se dá de forma imediata, apesar de ser possível que dentro de uma cena hospitaleira isso possa acontecer (Camargo, 2015), mas de forma temporalmente posterior, sem a expectativa de retribuição e de compensação equivalente à recebida (Pitt-Rivers, 2012). No futuro, o hóspede será o anfitrião em seu território e assim sucessivamente. Essa dinâmica de compensação entre as partes gera um ciclo de reciprocidade que nutre os laços sociais.

O ponto de tensão sobre a troca na hospitalidade se encontra justamente na compensação por via monetária. Segundo Gotman (2009), esse tipo de transação irrompe com o ciclo de reciprocidade, uma vez que o dinheiro permite quantificar a compensação da oferta de hospitalidade. Além disso, a autora ainda problematiza a genuinidade das atitudes postas na relação intermediada pelo dinheiro, denominando esse tipo de hospitalidade como encenada. Se por um lado temos Gotman (2009) incitando-nos a pensar sobre o quanto a relação social é autenticamente hospitaleira enquanto prestamos um serviço, por outro, Telfer (2004) indica que nesse mesmo cenário é possível que nós sejamos genuinamente hospitaleiros mesmo recebendo a compensação monetária, pois a hospitalidade pode e tende a extrapolar o que está previsto no contrato de serviço.

#### 5. *É encontrada em diversos contextos e dimensões*

Já sabemos que a hospitalidade, na prática, pauta-se no poder sobre um território. Por este motivo, ela se faz presente em inúmeros contextos da nossa vida social. Entre os modelos teóricos sobre hospitalidade (Camargo, 2004; Lashley, 2004; Lashley *et al.*, 2007) há o compartilhamento de dois contextos, o doméstico e o comercial. Segundo Lashley (2004), esses contextos se apresentam de forma mutuamente imbricada, uma vez que os indivíduos tendem a projetar as suas expectativas sobre a oferta profissional de hospitalidade a partir da referência do seu contexto doméstico. Entretanto, a limiaridade entre esses dois contextos tem se tornado cada vez mais desafiadora de se delimitar, visto a emergência de novos modelos de negócios baseados em economia compartilhada (Di Domenico & Lynch, 2007).

Para ter uma ideia da proporção do contexto comercial, por exemplo, Bastos e Rejowski (2015) ainda identificaram diversos setores que o compõe: Alimentos e Bebidas, Ensino, Eventos, Meios de hospedagem, Saúde, terceiro setor, Turismo, entre outros. Vale ressaltar que este é apenas um recorte com base nas pesquisas realizadas no âmbito do Programa de Pós-graduação em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi e que não impede que a hospitalidade seja identificada em outros setores ou subsetores.

Além dos contextos comercial e doméstico, outros ainda podem ser destacados a partir das contribuições de Camargo (2004): o público e o virtual. O primeiro contexto concentra as manifestações de hospitalidade no cotidiano da vida urbana, também reconhecido mais recentemente pelo autor como urbanidade (Camargo, 2021), enquanto o segundo permite que os atores expressem hospitalidade por intermédio de Tecnologias da Comunicação e Informação (TICs).

Além dos contextos, a hospitalidade também se faz presente em diversas dimensões da vida social. Na mesma pesquisa mencionada anteriormente, Bastos e Rejowski (2015) ainda identificam nove dimensões da hospitalidade, sendo elas: ambiental, cultural, econômica, educacional, material, política, religiosa, simbólica e social. Essas dimensões são parcialmente reforçadas pelos achados de Fedrizzi (2009). Ademais, cada uma dessas dimensões apresenta variações temáticas como apresentado na figura 2:

**Figura 2** – Dimensões da hospitalidade e suas variações temáticas

Ambiental	Cultural	Econômica	Educacional	Material	Política	Religiosa	Simbólica	Social
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Meio ambiente</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Patrimônio cultural</li> <li>• Festas</li> <li>• Tradições</li> <li>• Rituais</li> <li>• Mitos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Trabalho</li> <li>• Gestão</li> <li>• Marketing</li> <li>• Perfil profissional</li> <li>• Serviço</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ensino</li> <li>• Treinamento</li> <li>• Qualificação profissional</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Espaços</li> <li>• Equipamentos</li> <li>• Arquitetura</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Poder</li> <li>• Política pública</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Religiosidade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estilo</li> <li>• Imaginário</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acolhimento</li> <li>• Comensalidade</li> <li>• Comunicação</li> <li>• Dádiva</li> <li>• Etiqueta</li> <li>• Sociabilidade</li> <li>• Urbanidade</li> </ul>

**Fonte:** elaborado a partir de Bastos & Rejowski (2015).

Mesmo que haja uma divisão das dimensões, especialmente na tentativa de facilitar o processo de pesquisa (na delimitação de temáticas e objetos), percebe-se que a hospitalidade tende a ser encarada como um fato social total, assim como defendem Camargo (2008) e Dencker (2013). Isso significa que o fenômeno da hospitalidade toca todas as dimensões da nossa vida em sociedade de alguma forma.

Para Lashley *et al.* (2007), as dimensões social e cultural são centrais para compreender o fenômeno da hospitalidade. Os autores assumem que as relações entre anfitriões e hóspedes se manifestam de maneiras diversas por conta de aspectos atrelados à cultura e às práticas sociais. Ademais, incitam-nos a considerar a perspectiva histórica, ou seja, como as práticas de hospitalidade se transmitem conforme o momento histórico. Dessa forma, a multiplicidade de contextos e dimensões da hospitalidade proporcionam uma complexidade inerente das formas como ela é praticada e experienciada. Isso indica que a hospitalidade não é um conceito estático, mas sim um fenômeno cultural dinâmico que reflete os valores, as normas e as condições socioeconômicas de diferentes sociedades ao longo do tempo. Essa mutabilidade enfatiza a plasticidade da hospitalidade como um reflexo das necessidades, anseios e desafios diante do outro.

#### 6. É uma prática sociocultural

Como foi possível perceber até então, a hospitalidade é uma prática sociocultural contextualizada. Ela é um gesto que implica a penetração nos espaços dos outros. Tal penetração pressupõe uma negociação delicada dos limites pessoais e coletivos, geográficos e antropológicos. A mobilização da hospitalidade viabiliza a transgressão de limites sem desencadear a violência, evidenciando a capacidade dela de borrar fronteiras tanto físicas quanto sociais. Esse aspecto sublinha a importância da hospitalidade como uma prática que facilita a coexistência pacífica e a compreensão mútua, mesmo diante da potencial tensão que a transgressão de limites pode gerar.

Ademais, a presença do outro em um espaço desafia as noções pré-concebidas de identidade e pertencimento do núcleo receptor, tanto para o indivíduo quanto para a coletividade. A identidade, seja ela individual ou coletiva, constrói-se em relação ao outro, ao estrangeiro, ao estranho. Essa dinâmica revela que a identidade não é um estado estático, mas sim um processo contínuo de negociação e reconstrução diante da alteridade. Assim, a partir da corroboração de Brusadin e Panosso Netto (2016), assume-se que a hospitalidade é caracterizada como um mecanismo de abertura ou resistência aos costumes estrangeiros nas sociedades.

Para tanto, isso explica também o porquê de anfitriões submeterem o estranho à “quarentena simbólica”, ou seja, aos ritos destinados à purificação, controle e proteção do seu núcleo ou comunidade, para então assim torná-lo um hóspede. Em qualquer contexto, inclusive comercial, identificamos ritos nesse sentido, como a identificação do hóspede em uma recepção ou na fronteira de um país. Os ritos tornam a hospitalidade um fenômeno estético (no sentido performático), como defendem Lashley *et al.* (2007) e Camargo (2015). Sabendo das suas atribuições, anfitriões e hóspedes desempenham papéis dentro dos limites entre o que é interpretado como comportamentos aceitáveis e inaceitáveis. Assim sendo, a prática da hospitalidade é uma linha tênue pautada nesses desempenhos, sendo esses mesmos gerados a partir de expectativas socioculturais (valores e normas) e da lei da hospitalidade (Pitt-Rivers, 2012), que promoverá uma relação positiva ou negativa (também entendida como hostil) entre os atores.

Conforme observamos, há uma reconhecida mutualidade entre a hospitalidade e as dimensões social e cultural. A hospitalidade possui reconhecida relevância e influência em diversos mecanismos e práticas socioculturais, assim

como também é diretamente influenciada por essas dimensões, sendo este um processo dinâmico e sob uma perspectiva histórica.

Antes de avançarmos para o próximo tópico, é interessante destacar os outros conceitos fundamentais ligados à hospitalidade propostos mais recentemente por Camargo (2021), iniciando com a “Hospitalidade neutra”, que significa a ausência de interação entre pessoas, comum em metrópoles, onde as pessoas se cruzam sem trocar gestos ou palavras. Desse primeiro conceito surgem outros dois que são considerados positivos pelo autor, a Urbanidade, que se refere a interações positivas, frequentemente situadas na prestação de serviços, onde a hospitalidade pode ser considerada encenada; e a Hospitabilidade, que emerge em encontros marcados pela capacidade intrínseca do anfitrião em acolher, sendo considerada uma disposição autêntica de ser hospitaleiro. Por outro lado, outros dois conceitos negativos também são apresentados, sendo eles: a Inhospitalidade, quando ocorre reconhecimento do outro, mas se escolhe ignorar ou não estabelecer contato, abrindo caminho para a Hostilidade, que é resultado de ações agressivas que deterioram as relações humanas.

Além desses elementos comuns entre as linhas de pensamento sobre a hospitalidade, podemos destacar algumas problemáticas inerentes a ela em uma vertente filosófica. Algumas dessas problemáticas não possuem caráter prático a princípio, porém nos incitam a pensar sobre condições reais que se apresentam nas sociedades contemporâneas, como questões de políticas internacionais, de migrações e sobre a condição humana, que até certo ponto podem interessar ao campo do Turismo.

## 2.1 A vertente filosófica sobre a hospitalidade

A perspectiva filosófica da hospitalidade, em alguns pontos, pode parecer descolada da hospitalidade tratada até então. Entretanto, veremos que ambas estão intrinsecamente imbricadas, mesmo que nem sempre precisemos mobilizá-las conjuntamente para tentar explicar algum fenômeno associado à hospitalidade. Aqui, precisaremos rememorar o elemento de diferença entre os atores da hospitalidade, pois é a partir dessa noção que a filosofia da hospitalidade se apoia.

Para iniciarmos o entendimento nessa vertente precisamos primeiro nos desprender da noção de poder imbricada na prática da hospitalidade e focar na *ipseidade* ou, em outras palavras, na subjetividade que é única de cada indivíduo. Partimos, portanto, da concepção de que cada pessoa é um ser complexo e, nas palavras de Levinas (1980), infinito em si, sendo impossível de ser assimilado em sua completude por uma outra pessoa. Nessa lógica, se todo indivíduo é único e irreduzível, todos somos e sempre seremos estranhos uns aos outros. É com base nessa ideia que Lévinas (2004) propõe o conceito de “Outro”.

Por conta desse caráter do Outro, todos deveríamos ter responsabilidade mútua pelas nossas vidas (Lévinas, 2004). O que nos compele a uma tendência ética de oferecer hospitalidade a qualquer pessoa, independentemente de quem ela seja. Inclusive, não precisaríamos saber quem é o Outro para lhe acolher em nossa casa, mesmo com os supostos riscos que esse gesto carrega. Por este motivo, a hospitalidade na perspectiva de Levinas rompe com o elemento de troca apontado anteriormente, pois aqui ela não se pauta no princípio moral de reciprocidade, mas é entendida *a priori* e propriamente ética (Levinas, 1980). Ou seja, oferecer hospitalidade ao Outro está em um sentido anterior ao reconhecimento do mesmo, pois ele sempre está presente e nós sempre estamos aguardando-o, visto a responsabilidade mútua que temos pelas vidas uns dos outros.

É nessa brecha entre a moral e a ética que Derrida (2003) se debruça a partir do pensamento de Levinas para problematizar as suas contribuições sobre a hospitalidade. Para Derrida (2003, p. 73), há uma Lei que rege a hospitalidade, sendo essa “sem imperativo, sem ordem e sem dever”: a de incondicionalidade. Ele problematiza o dever moral em oferecer hospitalidade, construído contextualmente e regido pelo poder sobre o território que, por consequência, tem como características os direitos e os deveres condicionados e condicionais para os atores da hospitalidade, frente ao sentido de abertura incondicional ao Outro, inspirado em Levinas. Nas palavras do autor: “[...] se eu pratico a hospitalidade **por** dever (e não apenas **em conformidade com** o dever), essa hospitalidade de quitação não é mais uma hospitalidade absoluta”; e reforça que “a hospitalidade não pode pagar uma dívida, nem ser exigida por um dever” (Derrida, 2003, pp. 73–74, grifo do autor).

Apesar de se distanciar do sentido moral da hospitalidade do qual tratamos anteriormente, Derrida (2003) reconhece que a Lei da hospitalidade é, até certo ponto, utópica diante do perigo que o estranho carrega. Porém, alerta que a Lei é sempre alvo de perversibilidade pela hospitalidade condicionada e condicional, “ameaçam-na, em todo caso, por vezes a corrompem ou pervertem-na” (Derrida, 2003, p. 71) e, por este motivo, ela é, por natureza, transgressiva diante da moral corrente.

Por conta dessa conceituação sobre a incondicionalidade da hospitalidade apresentado por Derrida, Camargo (2015) a caracteriza como uma virtude humana. Assim, a hospitalidade é esperada como um comportamento em sociedade, ainda mais na contemporaneidade, dada a sua raridade nas relações sociais (Camargo, 2021).

Apesar dessas noções apresentadas nesta seção parecerem pouco aplicáveis, são essas que nos permitem pensar sobre questões políticas e sociais que têm por característica a perversão da dignidade e diversidade humana. Enquanto o sentido prático da hospitalidade controla, identifica e classifica o Outro, a hospitalidade absoluta (ou incondicional) se abre para o sentido do reconhecimento da humanidade de cada indivíduo. Os estudos de mobilidades forçadas como diásporas e migrações, os de políticas e relações internacionais, de diversidade (de gênero, de sexualidade, étnica etc.) são alguns exemplos que se beneficiam dessa vertente.

A despeito desse rico cenário de divergências e convergências de como os conceitos fundamentais da hospitalidade se apresentam, ainda há oportunidades de articulação de estudos em diversas dimensões da vida social. É preciso que façamos um exercício de (re)estabelecer a posição da hospitalidade na sociedade e de (re)conhecer as suas contribuições para a compreensão de inúmeros fenômenos. Entretanto, voltaremos a nossa atenção às contribuições da hospitalidade para os estudos turísticos na sequência.

## 2.2 A relevância da hospitalidade para os estudos turísticos

Por décadas a pesquisa em turismo esteve focada em compreender a ótica, os desejos e as necessidades do turista. Entretanto, Guia e Jamal (2023) destacam uma perceptível mudança que se encontra em curso nas pesquisas em turismo que visam uma perspectiva mais crítica sobre essa atividade considerando o papel do turismo no desenvolvimento de sociedades de forma saudável, visando o respeito dos limites sobre o uso de recursos culturais, naturais, sociais etc., e conferindo empoderamento econômico e social aos residentes, em outras palavras, ao anfitrião.

Ademais, destacamos que tanto os estudos de turismo, quanto os de hospitalidade, dividem uma temática central: os encontros entre pessoas que são "estranhas" umas às outras. Esse encontro envolve o movimento de um ator móvel (o hóspede) para o território estático de um anfitrião. Por este motivo, a hospitalidade tem ganhado corpo entre as pesquisas em turismo, abrangendo, majoritariamente, o aspecto comercial (hotéis, serviços de alimentação e eventos) e, ainda em menor grau, as interações sociais entre residentes e turistas, isto é, entre anfitriões e visitantes.

É sabido, então, que uma parte significativa dos estudos focada na hospitalidade no contexto do turismo tem sido predominantemente concebida em termos utilitários. Lynch (2017) indica que isso é alicerçado em uma tendência de enquadrar a atividade turística como algo distinto da vida cotidiana, o que limita a compreensão das nuances e complexidades das relações sociais nesse contexto. A partir da inquietação sobre a restrição utilitarista da hospitalidade no turismo, Lugosi (2021), Lashley (2016) e Bell (2009) propuseram enfoques mais críticos sobre a hospitalidade que têm sido impulsionados pela adoção e contribuições de conceitos e práticas com base em uma variedade de disciplinas das ciências sociais e humanas.

Assim sendo, uma das primeiras contribuições da hospitalidade para o turismo é a de evidenciar que o encontro turístico pode (e deve) ser expandido se for compreendido no contexto dos encontros interpessoais em geral e no cotidiano. O conceito de encontro entre atores traz consigo a ideia intrínseca de interações com o estranho. A hospitalidade amplia essa noção, pois o encontro com O outro é a sua matriz fundamental.

Essa interação complexa entre um anfitrião e um hóspede, revelada pela hospitalidade, considera ambos como atores de igual importância. A partir desse ponto, ela influencia os modelos de encontros que ocorrem em diversas instâncias da vida social. O "lar" do anfitrião pode ser ampliado para significar a vila ou cidade natal, a região de origem, a nação de origem, e o "anfitrião" pode ser a pessoa na linha de frente da oferta de hospitalidade, seja em ambientes comerciais ou como um membro de uma comunidade mais ampla. Por sua vez, os hóspedes também podem ser considerados em diferentes escalas, desde grupos de viajantes, diplomatas, migrantes, expatriados e refugiados.

A hospitalidade no turismo envolve a capacidade das pessoas de receber estranhos em encontros interpessoais, proporcionando espaços acolhedores e fazendo-os sentir-se cuidados. Nesse contexto, ocorre a interseção entre trocas sociais e monetárias. Reconhecendo essa questão central que caracteriza a hospitalidade, nota-se uma tendência dos profissionais dessa área de se afastarem de relações estritamente econômicas, reintroduzindo a generosidade e a reciprocidade em seus encontros com o outro (Guia & Jamal, 2023).

A partir dessa contribuição, a hospitalidade torna-se um conceito sensibilizador sobre as interações entre pessoas e lugares, ajudando a compreender as práticas envolvendo as atividades turísticas sob uma outra perspectiva e a apreciar os seus impactos em múltiplos stakeholders ou até mesmo reconhecer o protagonismo deles nessas atividades, considerando que muitos ainda eram invisibilizados (Lugosi, 2021). Com esse exercício que a hospitalidade nos proporciona, podemos perceber outras dimensões essenciais da experiência turística.

Além do mais, o turismo influencia diretamente na definição de limites políticos e sociais que levam à inclusão ou à exclusão de pessoas e comunidades, sendo que alguns exemplos são os controles de passaporte e vistos. Visto dessa forma, o turismo é possível apenas onde há hospitalidade, seja em nível de interação humana ou em estado-nação. Segundo McCabe (2024), os regimes de concessão de vistos e de acolhida de pessoas têm se tornado progressivamente mais restritivos. Então, apelar para a hospitalidade implica, coadunando com as contribuições de Camargo (2019), em trazer o problema do plano político para o plano ético e este, em contrapartida, esperamos iluminar as questões políticas. Isso é o que Bell (2009) considera como uma “virada moral” nos estudos turísticos, onde a hospitalidade e o turismo se coadunam para propiciar o cosmopolitismo e a paz universal entre os estados-nação.

Com a contribuição da ética da hospitalidade temos uma base estruturada para entender as relações entre anfitrião e hóspede em diversos níveis de análise, mudanças de atitudes e comportamentos, e como esses são alterados em decorrência de mudanças nas práticas, dinâmicas de demanda e oferta e no ambiente externo com base na reciprocidade, troca social e normas sociais.

Ainda que caminhemos para a conclusão deste texto, consideramos válido apresentar dois possíveis fronts de pesquisa, apesar de não serem contribuições recentes, que desafiam as noções de hospitalidade expostas até aqui em relação às definições de papéis entre anfitriões e hóspedes, especialmente se forem aplicados em contextos turísticos. Ambos convergem na quebra de paradigma sobre a hierarquia entre esses dois atores (Lugosi, 2008) ou até mesmo prevê o desuso desses papéis para compreender a hospitalidade (Molz & Gibson, 2016).

Por um lado, Lugosi (2008) observou que é possível que haja uma suspensão temporária dos papéis de hóspede e anfitrião para conferir protagonismo às relações que ocorrem entre os hóspedes. O Autor denominou esse fenômeno como metahospitalidade. Dessa forma, hóspedes se tornam responsáveis pela experiência de hospitalidade em um determinado tempo e espaço, ainda que na presença do anfitrião, sendo que esse passa a desempenhar um papel de mediador das relações hóspede-hóspede. Ao considerarmos que os serviços atrelados ao turismo são coproduzidos pelos turistas (Campos *et al.*, 2018; Mohammadi *et al.*, 2021), essa abordagem de Lugosi (2008), apesar de ainda pouco explorada na literatura sobre turismo, poderá contribuir para melhor compreensão do papel do turista, inclusive atribuindo-lhe maior responsabilidade, no fomento de experiências hoteleiras e turísticas.

Por sua vez, Molz e Gibson (2016) apontaram uma nova dinâmica centrada na mobilidade, considerando a hiper mobilidade das pessoas no mundo contemporâneo, seja para fins migratórios ou turísticos. As autoras explicam que a hospitalidade deve ser compreendida a partir da concepção de Derrida na abertura dos nossos lares, ou de outros espaços (públicos, comerciais, móveis, imóveis etc.), para o outro para que este se sinta pertencente, ou seja, “em casa”, de forma temporária ou permanentemente. Essa perspectiva poderia solucionar problemas sociais advindos da discrepância de poder entre o estranho/estrangeiro na roupagem de um turista/hóspede/(i)migrante frente ao poderio do anfitrião, exemplificado pela xenofobia ou a turismofobia, ao mesmo tempo que corresponsabiliza o outro nos cuidados do “lar”, nos espaços onde está sendo acolhido.

A versatilidade e utilidade da hospitalidade para o turismo residem, em primeiro lugar, no fato de que ela pode se referir simultaneamente à prática ou experiência vivida, bem como a noções abstratas de moralidade e ética. Além disso, ela também pode ser usada para examinar o mesmo fenômeno por meio dessas diversas perspectivas, incluindo como as pessoas são incluídas ou excluídas de atividades ou lugares, como desenvolvem relacionamentos afetivos e como isso influencia seu comportamento subsequente relacionado ao turismo.

### 3 REFLEXÕES FINAIS

Ao longo deste texto demonstramos as diferentes perspectivas teóricas sobre a hospitalidade. Percorremos pontos comuns entre uma parte dessas perspectivas, ao mesmo tempo em que apontamos alguns subsídios teóricos com base em pensamentos de filósofos como Levinas e Derrida. Além disso, explicitamos algumas contribuições da hospitalidade para a compreensão do fenômeno turístico sob óticas ainda pouco exploradas na literatura científica.

Percebemos que as problemáticas contemporâneas, sejam elas contextualizadas no turismo ou não, necessitam de abordagens que priorizem a compreensão mútua entre os atores (anfitrião e hóspede) que estão envolvidos. Consideramos que a hospitalidade auxilia no reconhecimento desses papéis e as suas respectivas responsabilidades nas relações sociais e, de forma direta ou indireta, extrapola as relações e influencia contextos maiores onde se localizam as diversas problemáticas (sociais, ambientais, econômicas, culturais e tantas outras).

Assim, propomos que mobilizemos com maior frequência as noções contemporâneas de hospitalidade, alicerçadas especialmente no arcabouço filosófico, como um conjunto de ferramentas para a corresponsabilização dos turistas/hóspedes, e a consequente cocriação de valor, sobre as cadeias produtivas dos serviços turísticos e os demais stakeholders envolvidos, retirando-os dos papéis passivos e, em outros casos, até mesmo abusivos, em que eles se encontram. Por outro lado, diante do contexto da hiper mobilidade, o anfitrião precisará exercitar cada vez mais o reconhecimento da infinitude (e a inerente complexidade) do Outro, evitando, assim, episódios xenofóbicos e de turismofobia. Além disso, esse exercício possibilitará maior acolhimento mútuo em diversos níveis de análise (Estados-nações, comunidades, famílias e indivíduos). Ademais, o conceito de metahospitalidade de Lugosi (2008) ainda pode ser aplicado especialmente em situações em que se pretende analisar a potencialidade das interações dos turistas entre si.

Por fim, esperamos que as múltiplas perspectivas sobre a hospitalidade despertem o interesse e a curiosidade de pesquisadores para que possamos continuar a aproximar os campos de saberes do turismo e da hospitalidade, visto as potencialidades incitadas neste texto, mesmo que de forma sucinta. Há muito a ser explorado na intersecção entre esses dois campos e claramente ambos se contribuem mutuamente, e eles, por conseguinte, colaboram para uma melhor compreensão da sociedade como um todo.

## REFERÊNCIAS

- Bastos, S. R., & Rejowski, M. (2015). Pesquisa científica em hospitalidade: desafios em busca de uma configuração teórica. *Revista Hospitalidade*, 12(1), 132–159. <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/575>
- Bell, D. (2009). Tourism and hospitality. In M. Robinson & T. Jamal (Eds.), *The Sage Handbook of Tourism Studies* (pp. 19–34). Sage.
- Benveniste, É. (1975). Hospitalidade. In *O vocabulário das instituições indo-europeias: economia, parentesco, sociedade*. (pp. 87–101). Editora Unicamp.
- Brusadin, L. B., & Panosso Netto, A. (2016). La dádiva y el intercambio simbólico: supuestos sociológicos y filosóficos para la teoría de la hospitalidad en las sociedades antiguas y modernas. *Estudios y Perspectivas En Turismo*, 25(4), 520–538. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=180747502007>
- Camargo, L. O. D. L. (2015). Os interstícios da hospitalidade. *Revista Hospitalidade*, 12(1), 42–69. <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/574>
- Camargo, L. O. de L. (2002). Turismo, hotelaria e hospitalidade. *Revista Turismo Em Análise*, 13(1), 7–22. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v13i1p7-22>
- Camargo, L. O. de L. (2004). *Hospitalidade*. Aleph.
- Camargo, L. O. de L. (2008). A pesquisa em hospitalidade. *Revista Hospitalidade*, 5(2), 15–51. <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/151>
- Camargo, L. O. de L. (2019). Hospitalidade, turismo e lazer. *Revista Brasileira de Pesquisa Em Turismo*, 13(3), 1–15. <https://doi.org/10.7784/rbtur.v13i3.1749>
- Camargo, L. O. de L. (2021). As leis da hospitalidade. *Revista Brasileira de Pesquisa Em Turismo*, 15(2), 2112. <https://doi.org/10.7784/rbtur.v15i2.2112>
- Campos, A. C., Mendes, J., Valle, P. O. do, & Scott, N. (2018). Co-creation of tourist experiences: a literature review. *Current Issues in Tourism*, 21(4), 369–400. <https://doi.org/10.1080/13683500.2015.1081158>
- Dencker, A. de F. M. (2013). Hospitalidade e interação no mundo globalizado. *Revista Rosa Dos Ventos*, 5(1), 4–14. [https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/1950/pdf\\_98](https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/1950/pdf_98)
- Derrida, J. (2003). *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade*. Escuta.
- Di Domenico, M., & Lynch, P. (2007). Commercial Home Enterprises: Identity, Space and Setting. In C. Lashley, P. Lynch, & A. Morrison (Eds.), *Hospitality: a social lens* (pp. 117–128). Elsevier.

- Faltin, A. O., & Gimenes-Minasse, M. H. (2019). Comensalidade, Hospitalidade e Convivialidade: um ensaio teórico. *Revista Rosa Dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 11(3), 634–652. <https://doi.org/10.18226/21789061.v11i3p634>
- Fedrizzi, V. L. F. (2009). Facetas da hospitalidade. *Revista Hospitalidade*, 6(2), 96–114. <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/305>
- Gotman, A. (2001). *Le sens de l'hospitalité: essai sur les fondements sociaux de l'accueil de l'autre*. Presses Universitaires de France.
- Gotman, A. (2009). O comércio da hospitalidade é possível? *Revista Hospitalidade*, 6(2), 3–27. <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/311>
- Grassi, M.-C. (2011a). Hóspede: uma figura da ambiguidade e do estranho. In A. Montandon (Ed.), *O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas* (pp. 55–62). Editora Senac São Paulo.
- Grassi, M.-C. (2011b). Hospitalidade: transpor a Soleira. In A. Montandon (Ed.), *O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas* (pp. 45–54). Editora Senac São Paulo.
- Guia, J., & Jamal, T. (2023). An affective and posthumanist cosmopolitan hospitality. *Annals of Tourism Research*, 100. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2023.103569>
- Lashley, C. (2004). Para um entendimento teórico. In C. Lashley & A. Morrison (Eds.), *Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado* (pp. 1–24). Editora Manole.
- Lashley, C. (2015). Hospitalidade e hospitabilidade. *Revista Hospitalidade*, 12(1), 70–92. <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/566>
- Lashley, C. (2016). Hospitality studies: Developing philosophical practitioners? In C. Lashley (Ed.), *The Routledge handbook of hospitality studies* (pp. 401–414). Routledge.
- Lashley, C., Lynch, P., & Morrison, A. (2007). Ways of Knowing Hospitality. In *Hospitality: a social lens* (1st ed., pp. 173–191). Elsevier.
- Levinas, E. (1980). *Totalidade e infinito*. Edições 70.
- Lévinas, E. (2004). *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Editora Vozes.
- Lugosi, P. (2008). Hospitality spaces, hospitable moments: consumer encounters and affective experiences in commercial settings. *Journal of Foodservice*, 19(2), 139–149. <https://doi.org/10.1111/j.1745-4506.2008.00092.x>
- Lugosi, P. (2021). Exploring the hospitality-tourism nexus: Directions and questions for past and future research. *Tourist Studies*, 21(1), 24–35. <https://doi.org/10.1177/1468797620985778>
- Lynch, P. (2017). Mundane welcome: Hospitality as life politics. *Annals of Tourism Research*, 64, 174–184. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2017.04.001>
- McCabe, S. (2024). Theory in tourism. *Annals of Tourism Research*, 104. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2023.103721>
- Mohammadi, F., Yazdani, H. R., Jami Pour, M., & Soltani, M. (2021). Co-creation in tourism: a systematic mapping study. *Tourism Review*, 76(2), 305–343. <https://doi.org/10.1108/TR-10-2019-0425>
- Molz, J. G., & Gibson, S. (2016). Introduction: Mobilizing and mooring hospitality. In J. G. Molz & S. Gibson (Eds.), *Mobilizing Hospitality* (pp. 1–25). Routledge.
- O’Gorman, K. D. (2007). Dimensions of Hospitality: Exploring Ancient and Classical Origins. In C. Lashley, P. Lynch, & A. Morrison (Eds.), *Hospitality: a social lens* (pp. 17–32). Elsevier.
- Pitt-Rivers, J. (2012). The law of hospitality. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, 2(1), 501–517. <https://doi.org/10.14318/hau2.1.022>
- Sogayar, R. L., & Rejowski, M. (2011). Abordaje teórico-conceptual de la hospitalidad y sus contribuciones a la educación superior en turismo. *Estudios y Perspectivas En Turismo*, 20(6), 1464–1482. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=180722700013>
- Telfer, E. (2004). A filosofia da “hospitabilidade.” In C. Lashley & A. Morrison (Eds.), *Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado* (pp. 53–78). Editora Manole.

---

## **Informação dos Autores**

### **Rafael Cunha Ferro**

Doutor e mestre em Hospitalidade pela Universidade Anhembi Morumbi (UAM) e Graduado em Gastronomia. Professor do Programa de Pós-graduação em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi e Professor adjunto do curso de Bacharelado em Hotelaria da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Contribuições: concepção da pesquisa, revisão da literatura, coleta de dados, discussão dos resultados.

E-mail: [rafacferro@gmail.com](mailto:rafacferro@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9063-8395>

### **Sênia Regina Bastos**

Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, bolsista de Produtividade em Pesquisa (nível 1 D - CNPq), membro do Comitê de Assessoramento de Arquitetura, Demografia, Geografia, Turismo e Planejamento Urbano e Regional do CNPq, na Universidade Anhembi Morumbi é professora do Programa de Pós Graduação em Hospitalidade e da graduação em Gastronomia, e líder do Grupo de Pesquisa Dimensões e Contextos da Hospitalidade (CNPq). Integra a rede de investigadores Remessas – Rede Emigração Europa do Sul / América do Sul (CEPESE) e é membro do Comitê Científico Nacional sobre Turismo Cultural do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (Icomos).

Contribuições: revisão do manuscrito.

E-mail: [seniabastos@gmail.com](mailto:seniabastos@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9978-1836>